



CAMPO DE PETRÓLEO NA VENEZUELA: VENDAS PARA OS EUA DEVEM CAIR

Proximidade perigosa

Países que mantêm laços comerciais com a única superpotência do planeta serão afetados em maior ou menor escala pela crise de crédito que assombra os Estados Unidos. Entre os alvos imediatos estão os emergentes Brasil, China, Índia, México e Rússia, além de nações que cultivam com os americanos relações pontuais de comércio, como é o caso de Chile e de Venezuela. Na avaliação de especialistas, a instabilidade nas Bolsas de Valores nas primeiras semanas do ano demonstra que não só os volumes das trocas pelo mundo, mas também seu ritmo, serão alterados.

Carlos Pio, professor de Economia Política International do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB), explica que um provável agravamento do cenário externo faria com que os Estados Unidos reduzisse os volumes de compras de seus principais parceiros. Com isso, a Índia venderia menos serviços, a China menos produtos manufaturados e a América Latina menos commodities. Os venezuelanos também perderiam, pois deixariam de vender tanto petróleo como fazem atualmente.

"Um bom escudo são as reservas em dólares mantidas por alguns países", observa o analista. Essa blindagem ajuda,

embora não seja sinônimo de imunidade contra crises. "A cada dia que passa, percebemos que o que está acontecendo é mais profundo do que se imaginava", justifica José Augusto de Castro, vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB). Segundo essa avaliação, a tendência é que os superávits comerciais caiam. "O comércio mundial começará a diminuir a partir de junho, por isso todos os países estão procurando parceiros alternativos aos Estados Unidos", completa.

No corre-corre do comércio internacional, nações exportadoras correm o risco de se transformarem em grandes compradores de mercadorias. É o que uma parte dos analistas dizem que acontecerá com o Brasil. "O país precisa estimular rapidamente o mercado interno para produtos manufaturados. Precisamos de uma política industrial forte ou vamos passar a país importador", alerta Roberto Segatto, presidente da Associação Brasileira de Comércio Exterior (Abraex). Segundo ele, a China, sem tanto acesso ao mercado americano, passaria a procurar novos compradores para seus produtos. "Eles podem colocar qualquer mercadoria em qualquer parte do planeta a custo baixíssimo, sem concorrência", explica Segatto. (LP)